

Missão CELAM

213687 | 07 JULHO DE 2022

OUVIR
a pobreza

A Igreja diante do desafio de servir aos excluídos



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán, Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández, Milton Ruiz, Carolina Henao y Giovanni Pinzón.

Fotografia: Archivo Vida Nueva, Archivo CELAM.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados pela Vida Nueva e pelo Centro de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa
Testemunhar partindo do clamor dos pobres
Nossas pobrezaas



10 Atualidade
Retiros espirituais para o povo de Deus



13 Dicionário CELAM
Periferia



14 Queridíssima Amazônia
Santarém 2022: evangelização libertadora



16 Os últimos, os primeiros
A profetisa dos pobres em Cuba



Optar pelos mais pobres: um desafio permanente

DOM MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DO CELAM

Na América Latina e no Caribe, a recepção do Concílio Vaticano II começou com a Conferência de Medellín, em 1968, e se consolidou nas seguintes Conferências Gerais do Episcopado de nosso Continente, realizadas em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), em comunhão com o Magistério da Igreja universal.

Neste caminho de fé, esperança e compromisso com nossos povos, a opção preferencial pelos pobres tornou-se uma das expressões identitárias

mais significativas e originais da nossa Igreja latino-americana e caribenha e é um dos princípios da Doutrina Social da Igreja.

A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe convidou-nos a continuar ouvindo o clamor dos pobres, excluídos e descartados e o clamor da terra que nos abriga. Hoje como ontem, “afirmamos a necessidade da conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134), deixando assim a nos-

Editorial

SER UM CONTINENTE
DE ESPERANÇA

Uma Igreja pobre para os pobres. Este foi o apelo do Papa **Francisco** no início de seu pontificado, há mais de nove anos. Os pobres, ao centro, como afirmou o cardeal **Cláudio Hummes** momentos antes de sair na varanda de São Pedro. A Igreja na América Latina e no Caribe deixa claro que hoje ainda é necessário aprofundar a opção preferencial pelos pobres, para que não permaneça uma mera teoria ou uma solidariedade que dure tanto quanto o gás de uma Coca-Cola. A opção preferencial pelos pobres deve impelir-nos, como discípulos missionários, a procurar novas formas de responder a todas as formas de pobreza.

Não é de estranhar que no *Documento de Aparecida*, de que se assinalam os 15 anos, os pobres sejam citados em mais de 100 ocasiões; nem que a Assembleia Eclesial tenha entre os seus desafios pastorais “escutar o

grito dos pobres, excluídos e descartados”.

A pandemia da COVID só aumentou as desigualdades que tristemente marcam o continente e mantêm milhões de pessoas em situação de pobreza. Por isso, a Igreja não só tem a missão de ser anúncio, mas também denunciar como advogada da justiça e dos pobres que é, além de ser sua casa. Como cristãos, não podemos ficar alheios ao sofrimento dos mais vulneráveis, que muitas vezes são as pobrezas ocultas, pois este não tem um rosto único e hoje devemos focar também nos migrantes e refugiados, vítimas de violência, vítimas de tráfico, a solidão dos idosos, crianças exploradas ou indígenas e afro-americanos.

Na Igreja que continuamos a construir como Povo de Deus, não podemos deixar de lado a promoção integral dos mais vulneráveis, porque só com eles podemos ser continente de esperança. ●

sa ‘zona de conforto’ ao lado de quem sofre o flagelo da pobreza, a marginalização e as suas consequências.

São **Oscar Arnulfo Romero**, um dos santos padroeiros do apostolado social da Igreja, afirmou que “a Glória de Deus é que os pobres vivam”, e deu a vida por amor aos pobres, para defender seus direitos e dignidade, assumindo sua causa à luz do Evangelho e promovendo a justiça social e a fraternidade.

Hoje, escutar o clamor dos pobres e excluídos deve ser um imperativo no caminho sinodal que estamos percorrendo. O Papa **Francisco**, em sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, sublinha que “eles têm muito a nos ensinar”, porque além de participar do *sensus fidei*, “nas suas próprias dores conhecem o Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG 198).

Por isso, assumindo a opção preferencial pelos pobres, nós, discípulos missionários, abrimo-nos aos

impulsos do Espírito Santo para discernir com eles as prioridades da nossa missão pastoral nas novas e desafiadoras realidades, porque “esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” (EG 198).

Os irmãos e irmãs que nos precederam com o seu testemunho, dando a vida pelos mais vulneráveis da sociedade, até ao martírio, nos encorajam a não desistir do propósito de ser uma Igreja pobre para os pobres, que sai ao seu encontro ali onde a vida clama, sobretudo nas fronteiras geográficas e existenciais de nossa Grande Pátria, com a certeza de que esta opção “está implícita na fé cristológica na-quele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”, como afirmou enfaticamente o Papa **Bento XVI** ao inaugurar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho em Aparecida, em 2007. ●



Testemunhar partindo do clamor dos pobres

DUAS FREIRAS E DOIS PADRES COMPARTILHAM COM A 'MISSÃO CELAM' SUA OPÇÃO PELOS DESCARTADOS DA SOCIEDADE

PAOLA CALDERÓN/ ÁNGEL ALBERTO MORILLO

“**E**nquanto houver um pobre no mundo que clame pela injustiça de sua situação, sempre haverá um cristão que se levantará.” Apos-tila **Leonardo Boff**, teólogo brasileiro e um dos ilus-tres representantes da Teologia da Libertação na América Latina e Caribe. Cabe perguntar nestes tempos da chamada sociedade líquida, onde a incer-teza pela velocidade das mudanças fragilizou as re-lações humanas, como entender essa categoria de pobres, excluídos e descartados? **Socorro Martínez Maqueo**, religiosa do Sagrado Coração e teóloga mexicana, que compartilhou boa parte de sua vida

com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), usa sua experiência para afirmar que “as CEBs têm uma memória viva do que é caminhar junto com outros e outras, saber agradecer a consolação e a força que vem da partilha de dores, alegrias, incertezas, frac-sos, avanços e conquistas. Convencidos de que ninguém se salva, eles apenas seguem seu caminho, são comunidades fortalecidas e são pequenos mas sólidos contrapesos de uma sociedade líquida”, por-que “testemunham a força do Espírito que sopra onde menos se imagina e testemunham pequenos milagres do que é a capacidade humana, a solidarie-

dade, a criatividade em diferentes circunstâncias, ações coletivamente organizadas, a experiência de fé e da celebração que estimulam o caminhar”.

Socorro assegura que a Igreja da América Latina e do Caribe levou muito a sério as conclusões do Concílio Vaticano II e, de fato, todo o desembarque pós-conciliar foi evidenciado em quatro Conferências Gerais do Episcopado: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007); isso sem acrescentar as contribuições substanciais de Santarém (1972); obras emblemáticas como a *Teologia da Libertação. Perspectivas*, do teólogo e sacerdote peruano **Gustavo Gutiérrez**; os fundamentos da teologia popular estabelecidos pelo professor do Papa **Francisco** e padre jesuíta, **Juan Carlos Scannone** (†); todo o martirologio latino-americano, como o de **Rutilio Grande** e **Monseñor Romero** em El Salvador; Monsenhor **Mauricio Lefebvre** na Bolívia e, claro, os irmãos e irmãs da Amazônia; à altura dos desafios da Assembleia Eclesial que, num dos seus desafios pastorais, suscita: “Ouvir o clamor dos pobres, excluídos e descartados, fazendo com que nossas teologias e práticas pastorais encorajem e facilitem a interação com eles para tornar visíveis os novos rostos excluídos e excluídos”. Assim, nesta experiência de assembleia – diz a religiosa mexicana – as CEBs “foram verdadeiras escolas que formam discípulos e missionários do Senhor, como testemunha a generosa dedicação, a ponto de derramar seu sangue, de tantos seus membros. Eles reúnem a experiência das primeiras comunidades cristãs”.

**SOCORRO MARTÍNEZ: “A IGREJA DE JESUS
NA BASE SEGUIRÁ EM FRENTE, ATENTA AOS SINAIS
ATUAIS E COMPLEXOS DOS TEMPOS”**

Uma grande responsabilidade recai sobre as novas gerações para continuar todo este legado de serviço e comunhão em favor dos pobres, porque “é animador ver que há jovens nas CEBs do continente que estão comprometidos com a comunidade em seus contextos, exercendo vários ministérios a partir do seu conhecimento e com uma clara identidade laical, protagonistas de uma experiência eclesial de autonomia e comunhão”; enquanto isso, “a Igreja de Jesus na base seguirá em frente, atenta aos atuais e complexos sinais dos tempos, de enormes desigualdades e com um planeta ferido, mas esperando que a boa semente cresça com nossos esforços e por si mesma”.

CRISTO NOS POBRES

Um exemplo desta opção pelos pobres é o trabalho realizado pela Cáritas na América Latina e no Caribe. O seu secretário-geral, **Francisco Hernández Rojas**, explica que a organização da pastoral social no continente toma como referência a abordagem teológica do documento de Medellín. “Para nós, os pobres são esse outro Cristo e com base em seu protagonismo buscamos construir um continente, uma sociedade mais justa, fraterna e solidária”, afirma, pois a partir de sua experiência na Cáritas, a opção →

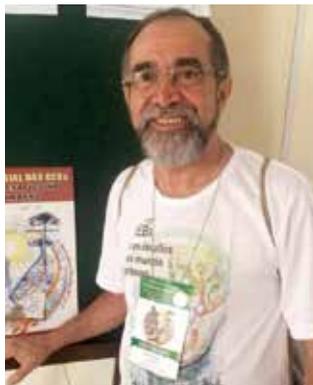




Francisco Hernández



Patricia Atarí



Manoel Godoy



Socorro Martínez

FRANCISCO HERNÁNDEZ: “PARA NÓS, OS POBRES SÃO ESSE OUTRO CRISTO E A PARTIR DE SEU PAPEL BUSCAMOS CONSTRUIR UM CONTINENTE”

→ preferencial pelos pobres não é um meio para atingir um objetivo; o verdadeiro propósito é caminhar com eles, alcançar a união total com aqueles que são vulneráveis, vivenciar situações de solidão, exclusão e rejeição. A ideia é chegar a uma compaixão cativante e sentir Jesus ao lado deles e a partir deles; só assim, diz o padre, “será possível sentir-se responsável por liderar a transformação daquelas situações que os tornam mais pobres, mais ignorados”.

Seguindo a experiência de Medellín, a consagrada afirma que a violência institucionalizada é um fator fundamental para a Cáritas e, nesta perspectiva, tudo o que ameaça a dignidade, os direitos humanos e a paz representam as principais expressões da violência.

O mais difícil é a forma como a economia e o desenvolvimento são percebidos, porque o modelo econômico neoliberal gerou mais iniquidade, mais

desigualdade, conseguindo acabar com as oportunidades para os mais pobres desenvolverem suas capacidades e potencialidades.

Trinta e oito anos de sacerdócio, muitos dos quais dedicados à Pastoral Social da Cáritas, ensinaram-lhe uma diversidade de experiências onde viu a capacidade de gerir, transformar e reinventar comunidades. Uma das experiências que mais marcaram sua trajetória o conecta com uma comunidade de cafeicultores que produziam café de forma clássica, com adubo orgânico, na Costa Rica, e que, sem possibilidade de mercado para obter seus produtos, tinham uma vida muito difícil para suas famílias, uma condição de pobreza muito forte e que conseguiram superar graças ao processo de organização, que a comunidade assumiu com toda uma equipe de trabalho da Caritas, que finalmente conseguiu formar uma cooperativa.

PATRICIA, A FREIRA DA ALDEIA

Nos arredores da grande Buenos Aires, em Villa Bosch, mora **Patricia Atarí**, freira da congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo e que, literalmente, cresceu com elas: “Quando eu tinha 4 anos,



PATRICIA ATARIA: “UMA IGREJA POBRE PARA OS POBRES É AQUELA QUE EU AMO E PELA QUAL CONSGRO MINHA VIDA COM ALEGRIA TODOS OS DIAS”

minha mãe me levou para casa das irmãs para me matricular no jardim de infância. Lembro que eram todas muito jovens. Patricia relata que naquela época – em meados de 1965 – sopravam os ventos do recém-concluído Concílio Vaticano II. Com as Adoradoras aprendeu a “reverenciar o Deus vivo que está no outro. Adorar, por isso, o Jesus que está no outro” e encarnar nas vilas, bairros populares deste país. Portanto, “poderia dizer que minha infância e adolescência despertaram em mim ‘poder ver’ como algo natural ‘aquele lugar’ em que minha vocação se realizaria”. A freira estudou em Roma, na Universidade Gregoriana: “Já tinha me formado como professora de graduação, no nível inicial, e, sendo freira, depois do noviciado, terminei meus estudos de professora de música, paixão que tinha abraçado desde muito jovem”. Ela então viajou para as Filipinas, onde estudou teologia e permaneceu em missão por quatro anos.

Após esta viagem, marcada pela saudade de sua terra, do mate e de suas queridas aldeias, em 1999 a sua Congregação pediu-lhe que voltasse à Argentina. A morte de uma de suas irmãs da comunidade marcou sua vida: “Um dia, enquanto eu estava na aula em Villa Bosch, eles me ligaram do berçário dizendo que minha irmã havia desmaiado.” Tratava-se de **Carmen**, com quem animava as missas todos os sábados; naquele dia, ela sofreu um derrame que tirou sua vida. Após esse duro revés, conheceu o padre **Pepe**, um novo pároco que chegou a Villa Bosch e, apenas uma semana depois de se instalar, abriu um ministério de “inclusão total” na aldeia. Sob o lema “a Igreja é o bairro”, Pepe e Irmã Patrícia encarnaram “a definição do que se vive e do que se deseja: que todos se sintam parte deste sonho de Deus Pai para cada um de seus filhos. Nesta Igreja, o importante, como se vê, é formar uma comunidade. E essa comunidade se preocupa que cada pessoa se sinta protagonista.”

Patricia nasceu com o dom da música, que “coloco ao serviço da comunidade com muita alegria. Não só animando as missas, várias celebrações, mas compondo as canções que são necessárias para a pastoral da aldeia”. Com isso, ela se sente mais próxima das pessoas, que a reconhecem “como vizinha” e “é assim que nos percebemos e somos recebidos no bairro”. Esta ‘freira da aldeia’ continua a apostar numa “Igreja que é o bairro, um bairro que não precisa sair do seu lugar para encontrar o que precisa, uma Igreja sem primeira classe e classe turística. Uma Igreja →

Repercussões da guerra na Ucrânia

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) apresentou em 6 de junho de 2022 a atualização do relatório que ilustra as várias expressões da crise derivadas dos efeitos econômicos e sociais que a guerra na Ucrânia deixou até agora. Situações como o evidente abrandamento econômico, a lenta recuperação dos mercados de trabalho e o aumento da inflação que se faz sentir particularmente no valor dos alimentos, têm vindo a gerar um aumento dos níveis de pobreza e insegurança alimentar no mundo.

O documento da CEPAL, intitulado *Repercussões na América Latina e no Caribe da guerra na Ucrânia: como enfrentar esta nova crise?*, revela que em 2022 o crescimento médio anual do PIB será de apenas 0,3%, o que significa que há uma tendência de retorno a um padrão de crescimento lento e muito semelhante ao que ocorreu entre 2014 e 2019. Parte dos efeitos desta situação é o aumento acelerado da pobreza que, na América Latina, este ano, pode chegar a 33,7%, enquanto a pobreza extrema corre o risco de aumentar em 14,9%.

Assim, o cálculo de pessoas em risco de cair em situação de insegurança alimentar poderia chegar a 7,8 milhões, que se somariam aos 86,4 milhões que vivem atualmente na região nessa condição.

Diante dos números devastadores, a agência faz uma série de recomendações dirigidas principalmente àqueles que assumem as responsabilidades econômicas das nações e, portanto, à implementação de políticas monetárias e fiscais que estimulem o crescimento e desacelerem a inflação; além de promover acordos para conter os preços dos alimentos que integram a cesta familiar, trabalhando para evitar movimentos econômicos que afetem negativamente o aumento dos índices de pobreza. Enquanto as mudanças surgem na guerra na Ucrânia e avançam na aplicação de estratégias para recuperar os mercados, após o que se espera ter sido o pior da pandemia, as casas de milhões de pessoas na América Latina e no Caribe tentam avançar, enquanto a Igreja acompanha sua dor com várias iniciativas, que mostram aquela opção pelos pobres que já faz parte do magistério da Igreja regional, não só pelo desenvolvimento das Conferências Gerais do Episcopado, mas porque a Igreja entende que este continente é maioritariamente cristão e pobre, e esta opção refere-se tanto ao destinatário como ao conteúdo da evangelização, que não é de forma alguma exclusiva e trata de ir além do sentido missionário ou pastoral, procurando repensar o eclesial, o humano e o modo de se encontrar pela fé. ●



→ que, durante a pandemia, se preocupou em alimentar mais de 3.500 pessoas por dia, pois a maioria das pessoas nas favelas vive de biscates. Uma Igreja pobre para os pobres. A Igreja que amo e pela qual, todos os dias, consagro minha vida com alegria”.

MANOEL GODOY:
**“A OPÇÃO PELOS POBRES
 É DIFUNDIDA NA IGREJA”**

UMA ESCOLHA CORAJOSA

Por sua vez, o padre **Manoel Godoy**, do Brasil, exerce seu ministério sacerdotal aplicando seus estudos em Teologia Pastoral. Atualmente reside em Belo Horizonte, onde é diretor executivo do Instituto de Filosofia e Teologia. Com base em suas experiências, ele considera que, embora existam experiências maravilhosas no continente sobre a opção pelos pobres, a Igreja ainda não dá uma resposta clara a este desafio proposto por Medellín e Puebla.

“A opção pelos pobres está muito difundida na Igreja”, afirma, sem ignorar a grande contribuição da vida consagrada, que foi uma das opções de vida que respondeu mais positivamente à opção pelos pobres, expressa na vida religiosa inserida no meio do povo, em quase todas as periferias, o que o leva a garantir que houve congregações inteiras muito marcadas por esta opção.

Ele ainda se lembra do sofrimento que assumir isso representava. Organismos como “a CLAR na América Latina sofreram até mesmo a intervenção de alguns organismos da Igreja por sua opção pelos pobres, porque embora o coração da teologia da libertação seja a opção pelos pobres, a intervenção de parte da Cúria romana foi por causa dessa opção pelos pobres”, relata.

Esse caminho gerou líderes emblemáticos no continente, como o lembrado bispo brasileiro **Hélder Câmara**. Sua posição e missão permanecem na memória do padre Manoel Godoy, que não hesita em afirmar que deixou uma marca muito forte em sua diocese e em quem o conheceu.

Ele se lembra particularmente de sua frase mais famosa: “Quando dou pão aos pobres me chamam de santo, mas quando pergunto por que os pobres não têm pão, me dizem que sou comunista.” E, como explica o padre brasileiro, por sua opção pelos pobres foi um homem muito perseguido, mas não abandonou sua tarefa e criou uma série de fundações que ainda existem e são mantidas por padres mais velhos. Iniciativas como as de Hélder Câmara, como as do Papa Francisco, com o processo sinodal, conseguem ultrapassar a barreira do tempo porque reconhecem a realidade e seus desafios.

Para padre Manoel, sem a opção pelos pobres, a sinodalidade não se tornará um ponto-chave na Igreja. “A sinodalidade é inútil se não for sinodalidade autêntica. Ouvir os pobres é saber o que eles estão vivendo, precisando, quais são suas demandas ou desafios, essa é a chave.” E a vantagem é que “Francisco tem o coração muito aberto aos pobres”, conclui. ●



Agustín Salvia

MEMBRO DO NÚCLEO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CELAM E RESPONSÁVEL PELO OBSERVATÓRIO DA PASTORAL SÓCIO-ANTROPOLÓGICA (OSAP)

Nossas pobreza na América Latina e Caribe

À medida que nos aproximamos do diagnóstico da situação social que a pandemia deixou nos povos da América Latina e do Caribe, o que primeiro aparece é uma experiência mais ampla da fragilidade humana. Uma das maneiras pelas quais essa fragilidade se expressa é no aumento e aprofundamento da situação de pobreza que acompanha cronicamente nossos povos. Mais de 200 milhões de latino-americanos estão hoje privados de recursos básicos de subsistência, afetando suas capacidades de desenvolvimento humano e integração social.

A pandemia da COVID-19 foi mais um evento em uma longa história de pesadelos sociais que atingem nossos povos. As dívidas sociais de nossa região crescem a cada crise econômica, política ou sanitária, ao mesmo tempo em que se ampliam as brechas da desigualdade social. Pelo mesmo motivo, a cada ciclo de recuperação que não se retorna mais ao mesmo ponto de partida, uma nova camada de descartados é deixada no caminho. Atualmente isso se manifesta em mais famílias com rendimentos que não cobrem o mínimo de subsistência, em mais pobres, desempregados ou trabalhadores precários, em mais pessoas que passam fome ou desnutrição, em mais crianças e adolescentes fora da escola ou com menos aprendizado, em mais superlotação e deterioração do habitat de residência, entre outros sinais. Infelizmente, está claro que não saímos melhores da pandemia.

Mas nossas pobreza são, na verdade, de natureza mais estrutural. As sociedades latino-americanas causam problemas sociais há muito tempo: camponeses sem terra, famílias sem-teto, trabalhadores sem direitos, pessoas cuja dignidade foi viola-

da. Nossos sistemas econômicos se desenvolvem gerando excluídos e recursos naturais esgotados. Da mesma forma, a riqueza está concentrada em poucas mãos, deixando como corolário uma estrutura social desigual, polarizada e fragmentada. A essa triste realidade, devemos acrescentar a inexperiência ou o cinismo das classes políticas dirigentes, incapazes de recolher as demandas pacíficas e legítimas de seus povos, e tudo isso é um terreno fértil para o surgimento de lideranças populistas, autoritárias e novas formas de manipulação social da pobreza.

Uma mudança de estruturas é necessária, porque o sistema social não é mais sustentável. **Francisco** nos fala da necessidade de globalizar a esperança em contraste com a globalização da exclusão, pondo fim à desigualdade e ao modelo de descart. Mas essa transformação estrutural começa com uma mudança de mentalidade: é preciso abandonar a lógica da acumulação e avançar para uma administração adequada da 'Casa Comum'. É essencial que

A PANDEMIA DA
COVID-19 FOI MAIS UM
EVENTO EM UMA LONGA HISTÓRIA
DE PESADELOS SOCIAIS QUE
ATINGEM NOSSOS POVOS.

os Estados e seus governantes consigam garantir uma 'boa vida' para todos os seus habitantes, sob o princípio do 'bem comum': "os três Tês" (trabalho, terra, teto) e acesso à educação, saúde, inovação, manifestações artísticas e culturais, comunicação, esportes e recreação (Discurso do Santo Padre no II Encontro Mundial de Movimentos Populares, Santa Cruz de la Sierra, 2015), juntamente com o desenvolvimento equilibrado com o mundo natural.

Nesse contexto, estamos convencidos de que a pesquisa social sistemática ajudará nossa Igreja a compreender os sinais dos tempos, bem como a servir com ações pastorais relevantes na jornada transformadora de nosso povo. ●



Primeiro retiro espiritual online para padres e bispos de 31 de maio a 3 de junho

Aposentadoria espiritual para todo o povo de Deus

ESSES ESPAÇOS VIRTUAIS FAZEM PARTE DO PROCESSO QUE COMEÇOU COM O CONVITE DO PAPA PARA LEMBRAR APARECIDA

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam) traçou um itinerário pastoral após a Assembleia Eclesial. Como parte disso, em prol do “processo de conversão missionária e sinodal” e no contexto dos 15 anos de Aparecida, de 31 de maio a 3 de junho, os bispos e sacerdotes foram convocados para um retiro espiritual, que ao longo deste 2022 continuará a desenvolver-se com todo o Povo de Deus: religiosos e religiosas, seminaristas e diáconos, leigos e leigas. A esse respeito, **David Jasso**, subsecretário do Celam, destaca que “os retiros espirituais virtuais tanto para bispos como para sacerdotes da América Latina e do Caribe estão inseridos no processo que começou com o convite do Papa **Francisco** para lembrar Aparecida, evento eclesial com o qual ainda temos muito a aprender”. Portanto, ainda há circunstâncias que “nos desafiam” e esta Conferência Geral do Episcopado ainda “nos

oferece uma riqueza cada vez que se lê seu Documento Final, pois se verifica a voz profética do magistério latino-americano e a oportunidade que temos de contribuir ao mundo”.

Da mesma forma, Jasso explica que nesses quatro dias de espiritualidade participaram líderes da Igreja na América Latina, como o cardeal mexicano **Felipe Arizmendi**, bispo emérito de San Cristóbal de las Casas, que “fez uma proposta magistral para classificar os desafios pastorais, de acordo com as dimensões da evangelização que a equipe de reflexão teológica está propondo para categorizar esses desafios” e, além disso, “ofereceu aos bispos questões de reflexão muito específicas, muito diretas, muito realistas, de modo que tivessem um espaço de reflexão e interiorização”. De fato, “a participação dos bispos foi muito entusiástica, muito significativa e eles manifestaram seu desejo de continuar esse tipo de en-

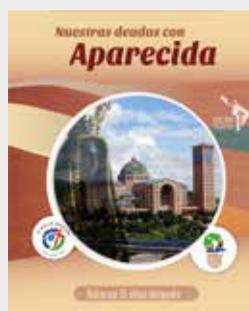
Nossas dívidas com Aparecida, 15 anos depois

Fazer o balanço de Aparecida 15 anos depois é o objetivo do documento elaborado pela Celam e intitulado *Nossas dívidas com Aparecida*. O texto começa lembrando os três mandatos da Assembleia Ordinária de 2019 para a atual presidência: completar a nova sede, renovar e reestruturar a instituição. Da mesma forma, explica-se a gênese de Aparecida, os passos anteriores que levaram ao discurso inaugural de **Bento XVI** e o posterior desenvolvimento da Conferência, até chegar ao consenso final, algo visto como prova de que o Espírito Santo agiu em Aparecida. Nesse contexto, as principais contribuições de

Aparecida nascem de um apelo do Espírito: o reencontro fecundo com o Evangelho de **Jesus Cristo** e para novas formas de expressão eclesial. A partir daí, a grande conquista de Aparecida é ter recuperado o sentimento de uma Igreja continental com características próprias, portadora de um caminho original e com capacidade de dar contribuições substantivas à Igreja universal: missão e evangelização da cultura; Igreja que inclui o desenvolvimento

humano integral, ambiental e socialmente sustentável; Igreja com uma pastoral que assume a opção preferencial pelos pobres; Igreja que pensa em novas formas de fazer política para o bem comum. Aparecida também contém dívidas, dificuldades e

desafios atuais, centrados na missão, que deve ir além de um programa de ação pastoral em todo o continente, e deve se basear em uma fé inculturada. Este saldo pode ser baixado em espanhol e português em www.celam.org. ●



contro virtual com mais frequência, para que, talvez uma vez por semestre, tenhamos essa oportunidade não apenas de nos encontrarmos, mas de interiorizar”.

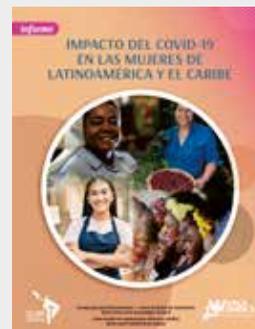
A VEZ DOS SACERDOTES

Também os presbíteros do continente tiveram a oportunidade de se encontrar. As sessões foram dirigidas, no primeiro dia, pelo padre **Geraldo de Mori** (Brasil), que propôs um olhar sobre o que foi apresentado em Aparecida e que seguirá rumo à celebração dos 500 anos do evento de Guadalupe. O segundo dia foi conduzido pela Irmã **María de los Dolores Palencia** (México), participante direta em Aparecida e que acompanha de perto a realidade migrante do México. Por isso, expressou aos sacerdotes “a importância de renovar o compromisso de ser discípulos missionários, naturalmente renovando o chamado à missão e fazendo uma experiência mais profunda da espiritualidade de quem segue **Jesus**”. O momento das perguntas foi marcado pelo entusiasmo dos sacerdotes, que levantaram suas preocupações e falaram de suas experiências no contexto da fase sinodal diocesana que vivem atualmente. Para Jasso, a experiência dos retiros espirituais “nunca foi proposta de forma virtual e agora estamos olhando para o futuro para também convocar, em data a definir, leigos e leigas e, claro, irmãos e irmãs da vida consagrada do continente”. ●

Celam e o Observatório Mundial da Mulher apresentam pesquisa conjunta

Se trata do estudo *Impacto da Covid-19 sobre as mulheres na América Latina e no Caribe*, realizado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam) e o Observatório das Mulheres (OMM) da União Mundial das Organizações de Mulheres Católicas, que foi apresentado em 14 de junho de 2022, em Roma. Com esta investigação, ambas as instâncias coletaram as vozes e depoimentos de mulheres latino-americanas para dar visibilidade às suas experiências de dor e discriminação, bem como força e resiliência durante a pandemia.

Miguel Cabrejos, arcebispo de Trujillo (Peru) e presidente do Celam, acompanhou este evento em Roma e ratificou o objetivo dos bispos da América Latina e do Caribe de “ser um testemunho do compromisso com as lutas e tarefas em que as mulheres estão engajadas... e tornar visível a sua presença, participação e corresponsabilidade na sociedade e na Igreja”. Portanto, esta é uma missão evangelizadora e é, simultaneamente, um esforço para contribuir para o desenvolvimento humano integral de mulheres e homens. Somos chamados a crescer juntos na humanidade, no seguimento de Jesus e em relações nas quais reconhecamos mutuamente nossa igual dignidade e vocação para ser e viver como imagem de Deus no mundo de hoje”, disse o prelado. O documento apresentado está sob a coordenação de **María de Lourdes Espinoza Rosas**, com autoria de **Ada Ferreira** e **Patricio Caruso**. É de natureza qualitativa e está traduzido em quatro idiomas: italiano, português, inglês e espanhol. Está disponível para ser baixado em www.celam.org. ●



Educadores no centro

CELAM REFORÇA SEU COMPROMISSO COM O PACTO EDUCATIVO GLOBAL EM SINERGIA COM O CIEC E ODUICAL

ÓSCAR ELIZALDE PRADA



Os vencedores, com o presidente da Celam à frente, durante a entrega

Dois eventos marcaram a agenda dos educadores católicos da América Latina e do Caribe na primeira parte deste 2022: o 27º Congresso Interamericano de Educação Católica (Cidade do México, 27 e 28 de maio) e a XIX Assembleia Geral Ordinária da Organização das Universidades Católicas da América Latina e do Caribe – Oducal (Guadalajara, de 8 a 10 de junho). Em ambos os encontros, a participação do presidente do Celam, **Miguel Cabrejos**, representou um sinal de comunhão e sinergia dos bispos do continente com a Confederação Interamericana de Educação Católica – CIEC, bem como com a Oducal, em torno do Pacto Educativo Global (PEG) promovido por **Francisco**.

Em seus discursos, Cabrejos fez um balanço da emergência educativa pela qual passam os povos latino-americanos, tornada visível e acentuada pela crise da pandemia. “Cabe a nós dar testemunho de Cristo em meio a esta realidade e nela semear esperança”, afirmou o prelado diante de 1.200 educadores e líderes da escola católica, reconhecendo que “seu trabalho é de grande necessidade neste momento no continente”.

Por sua vez, o secretário executivo do CIEC, **Óscar Pérez Sayago**, expressou que “com este congresso vislumbram-se tempos de criatividade; é hora de sermos significa-

tivos em novos cenários, com novos desafios, para as novas gerações nos países onde estamos presentes, e a educação é essencial para repensar e viabilizar um futuro comum e sustentável”.

Estas perspectivas, ancoradas no PEG, estiveram também presentes na Assembleia da Oducal, onde o presidente do Celam encorajou as universidades católicas a “acenderem novos fogos” e a “saírem ao encontro das periferias geográficas e existenciais”, de cada vez que “superar esta crise tem que vir da educação: qualquer mudança requer um caminho educativo e um novo conceito de educação”. A celebração do Acordo-Quadro de Cooperação entre a Celam e a Oducal veio confirmar a vontade de ambas as entidades de promoverem conjuntamente ações de formação, eventos, pesquisas e publicações que apontem neste sentido.

Ao final de sua Assembleia, a Oducal renovou seus quadros de liderança regional, sendo eleito **Rodolfo Gallo Cornejo**, reitor da Universidade Católica de Salta (Argentina), como presidente para o período 2022-2025. ●

O presidente do Celam recebe o ‘Prêmio Jesus Professor’

No âmbito do 27º Congresso Interamericano de Educação Católica, o presidente do Celam, Dom **Miguel Cabrejos Vidarte**, recebeu o Prêmio Jesús Maestro, a mais alta distinção concedida pelas escolas católicas da América a educadores que vivem apaixonadamente sua vocação e compromisso de evangelizar educando e de educar evangelizando. “Continuemos comprometidos, queridos irmãos e irmãs, na construção da Civilização do Amor, através da educação integral, para que todos os nossos povos tenham vida, especialmente os mais pobres e vulneráveis de nossa sociedade”, foram as palavras de Dom Cabrejos ao receber o prêmio de reconhecimento. ●

Jorge Alexandre Alves

SOCIOLOGO E PROFESSORE ALL'ISTITUTO FEDERALE DI RIO DE JANEIRO

Periferia

Se tivéssemos que definir a periferia com base em critérios meramente geográficos, não precisaríamos de muita reflexão. Periférico é o que está localizado a uma certa distância de um local considerado central. Portanto, seria a distância em relação ao centro que definiria um lugar que está na periferia.

Ocorre que a periferia pode ter vários significados, ao mesmo tempo sobrepostos e inter-relacionados. Do ponto de vista semântico, algo periférico é o que não é importante, é secundário, menos relevante. Se analisarmos do ponto de vista econômico, nos referimos àqueles que não têm renda alta, àqueles que precisam vender sua força de trabalho por qualquer quantia para sobreviver.

Mas o aspecto econômico não pode ser alheio aos elementos sociais. Consequentemente, os pobres, os excluídos, os desprovidos são periféricos. Não é difícil perceber que os múltiplos significados da periferia se sobrepõem: aqueles que estão longe dos grandes centros são os mais explorados em sua força de trabalho e, portanto, presos na miséria.

Ao mesmo tempo, como não podemos entender a periferia apenas a partir de uma perspectiva geográfica, ela adquire um significado político. E não se pode pensar nas periferias sem levar em conta as outras dimensões (semântica, econômica e social). Portanto, estar na periferia também representa estar longe dos centros de poder e de decisão.

Do ponto de vista ecológico, o 'antropoceno' colocou o ser humano no centro e deslocou outros seres vivos para a periferia. Os interesses do mercado colocam a vida do planeta à margem das prioridades humanas.

Além dos aspectos mencionados, é preciso refletir sobre a relação entre a fé cristã e a periferia. Se considerarmos o povo da Bíblia no Primeiro Tes-

tamento, veremos que são um povo da periferia. Javé se revela aos oprimidos, outra condição da periferia, porque estar na periferia significa ser oprimido.

A ação libertadora de Deus é uma resposta aos oprimidos pela escravidão e pela condição de estrangeiro em uma terra de opressores, o Egito. Em outras palavras, a experiência fundacional das Escrituras cristãs mostra Javé se revelando na história, trazendo aqueles que estão na periferia da escravidão para o centro da liberdade como Povo de Deus.

LUGAR DE LIBERTAÇÃO

A memória desta presença que subverte o lugar da periferia dá origem à maior festa do judaísmo, a Páscoa. O cristianismo surge como tributário dessa memória. Com Jesus de Nazaré, os marginalizados são os destinatários da mensagem evangélica.

A fé cristã foi estabelecida nos arredores da Galiléia, respondendo à religião dominante que estava intimamente ligada aos poderes de Jerusalém. A reação dos poderosos naquele momento revela o quanto a periferia incomoda o centro quando desafia a ordem estabelecida. Jesus pagou com a vida pela escolha que fez pela periferia.

A vitória da vida sobre a morte representada pela ressurreição de Jesus revela a periferia como lugar de libertação, no horizonte salvífico da história. Como batizado, indica aos cristãos onde e com quem devemos estar. Viver a radicalidade do Evangelho significa estar do lado da periferia e de quem está lá.

O Papa Francisco propõe uma Igreja que avança. No mundo contemporâneo, é urgente ir às periferias para viver o seguimento de Jesus Cristo. Não podemos esquecer aqueles cujas almas são massacradas pela lógica de um sistema que mata, e que vivem nas periferias de sua própria existência. ●

Encarnação e evangelização libertadora

SANTARÉM 2022 CONCLUI COM DOCUMENTO QUE ABRE NOVAS E DESAFIADORAS POSSIBILIDADES À LUZ DA 'QUERIDA AMAZÔNIA'

PBRO. LUIS MIGUEL MODINO



Cinquenta anos depois de um encontro histórico, que levou à amazonização do Concílio Vaticano II, elaborando um Documento que ao longo do tempo se tornou referência para a Igreja da Amazônia e para a Igreja universal, o IV Encontro da Igreja Católica na Amazônia Brasileira, realizado de 6 a 9 de junho de 2022 no Seminário São Pio X, o mesmo local do realizado em 1972, resultou em um novo Documento que abre novas e desafiadoras possibilidades.

Um encontro que pode ser considerado uma clara expressão de uma Igreja sinodal, contando com a presença não só de bispos – em 1972 eram praticamente a totalidade –, mas também de todas

as vocações e ministérios eclesiais: sacerdotes, vida consagrada, leigos e leigas..., onde juntos refletiram sobre o que viveram nos últimos 50 anos para, a partir daí, iluminados pela exortação pós-sinodal do Sínodo para a Amazônia (Querida Amazônia), assumir como seus os sonhos do Papa **Francisco**.

Um documento preparado a partir de uma atitude de gratidão e profecia, lembrando aquele de 50 anos atrás que deu “frutos de fecundidade profética na evangelização junto aos povos desta imensa Amazônia”. Podemos dizer que este de 2022 tem uma estrutura semelhante, ratificando as orientações e prioridades assumidas há 50 anos, atualizando-as à luz do recente Sínodo para a

Amazônia, e reafirmando a importância das duas grandes orientações de 1972: encarnação na realidade e evangelização libertadora.

Uma Igreja totalmente envolvida com a realidade, que vive a inculturação e a interculturalidade, algo em que o Sínodo para a Amazônia insiste. Uma evangelização que liberta, que não olha para o outro lado “em tudo o que afeta a dignidade e a liberdade da pessoa humana e da família”.

Trata-se de procurar estratégias que ajudem a superar as agressões e a alcançar a paz nos territórios. Isso em uma Igreja com rostos amazônicos, com uma identidade eclesial construída ao longo do tempo e concretizada nos son-

hos nascidos de Querida Amazônia, que desenha uma Igreja discípula, missionária e sinodal (sonho eclesial); uma Igreja servidora, profética e defensora da vida (sonho social); uma Igreja testemunha do diálogo (sonho cultural); uma Igreja irmã e zeladora da criação (sonho ecológico); uma Igreja de mártires.

Como em 1972, propõem-se novos caminhos de evangelização, linhas prioritárias, com a intenção de “realizar as propostas traçadas e fazer nossos os sonhos do Papa Francisco”: fortalecimento das comunidades eclesiais de base, enfatizando a ministerialidade (ordenação sacerdotal de diáconos permanentes, leigos testemunhas qualificadas de casamento, envolvimento de sacerdotes que deixaram o ministério, implantação do ministério do catequista e o ministério do cuidado da Casa Comum) e a participação das mulheres (garantindo sua dignidade e igualdade e viabilizando sua ordenação diaconal).

Em relação à formação de discípulos missionários na Amazônia, o Documento insiste em sua integralidade e na articulação dos leigos, buscando “fortalecer e ampliar os espaços de participação dos leigos”. Uma formação que, em relação aos sacerdotes, deve ser um instrumento para superar “a aparência de um clericalismo que não corresponde à identidade de nossas Igrejas”, refletindo sobre o papel dos Institutos de Pastoral e da educação.

Após o Documento de 1972, a defesa dos povos da Amazônia continua sendo prioridade, insistindo na demarcação dos territórios, na consulta livre, prévia e informada, na atenção aos Povos Indígenas Isolados e de contato recente, no reconhecimento dos direitos da natureza e na proteção dos líderes ameaçados. A atenção necessária à questão da migração, mineração e megaprojetos tam-

O DOCUMENTO FINAL INSISTE NA ARTICULAÇÃO DOS LEIGOS, PROCURANDO “FORTALECER E EXPANDIR SEUS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO”

bém aparece no texto, insistindo que “não podemos persistir no atual modelo de desenvolvimento”, um modelo etnocida e ecocida. Diante disso, surgem propostas alternativas para cada uma das realidades.

O Documento aborda a questão da evangelização dos jovens, com diferentes rostos e realidades, para os quais “a Igreja é chamada a ser presença profética” de proximidade, acompanhamento e apoio. Também aborda formas de compartilhamento, já que “o apoio às ações de evangelização na Amazônia sempre supera a capacidade de recursos das Igrejas particulares pobres da Amazônia”. Por causa disso, a comunicação é abordada, expressando o desejo de “promover uma cultura de comunicação que favoreça o diálogo, a cultura do encontro e o cuidado da nossa casa comum”.

Tudo isso é colocado sob a intercessão de “**Maria**, Mãe de Jesus, nossa Mãe, Mãe da Amazônia”, pedindo “que este IV Encon-

tro da Igreja Católica na Amazônia dê muitos frutos, tornando-nos cada vez mais uma Igreja com rosto amazônico, em viagem missionária, servidora, solidária, zeladora da vida e defensora da natureza, nossa casa comum”.

O grande desafio para o futuro é como fazer com que as ricas reflexões que conduziram a este Documento profético e desafiador sejam assumidas pelas Igrejas locais da Amazônia, pelas paróquias e comunidades, pelas pastorais e movimentos. A transformação proposta só se concretizará na medida em que o que está escrito se torne vida e seja o fio condutor de uma Igreja chamada a evangelizar a sociedade local a partir de perspectivas que respondam aos desafios e necessidades atuais.

Da mesma forma que podemos dizer que o Documento de 1972 foi decisivo na aplicação do pós-Concílio, este de 2022 é chamado a aplicar na Amazônia aquela Igreja sinodal que o Papa Francisco propõe como modo de ser Igreja no século XXI. Podemos dizer que os desafios de 50 anos atrás e os de hoje são semelhantes, mas também diferentes. O que não pode mudar é o espírito profético que nos leva a estar ao lado e nos lugares onde ninguém quer estar, defendendo a vida em sua plenitude para todos. ●





Os ÚLTIMOS, OS PRIMEIROS

A profetisa dos pobres em Cuba

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Vamos começar com o elementar. Chama-se **Nadeslida Almedida Miguel**, cubana da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, cujo carisma é o serviço de Cristo na pessoa dos pobres. Em 2021, durante os protestos, o regime cubano quis “passar-lhe uma fatura” por querer defender os direitos de seu povo, porque “como batizada sou obrigada livremente a ser profetisa e não responder a essa vocação é dizer a Jesus Cristo que o seu Reino continua a ser impossível”. Ela é Filha da Caridade há 30 anos, que desempenha ao mesmo tempo que o trabalho de enfermeira, pois “me faz muito feliz poder curar”. Grande parte de sua vida foi dedicada às crianças e adolescentes com deficiência, bem como aos idosos. “Descobri que entendia as crianças sem a necessidade de falar”, embora “isso possa parecer tão simples, para nós que as servimos,

essa é uma das melhores coisas que podem acontecer com você”.

“Nossos gostos nem sempre coincidem com o que Deus nos pede, então há alguns anos eles me pedem outros serviços”, diz ela. Entre estes está o de ser a presidente da Conferência Nacional dos Religiosos de Cuba, onde aprendeu a valorizar o trabalho em equipe. Por isso, “procuro estar perto do mundo da dor e do meu povo para quem a vida é cada vez mais difícil; mantenho a minha opção por esta terra onde nasci”. Como recitam os Macabeus em forma de jaculatória: “Não permita que ninguém te cale, ser fiel à consciência é a maior liberdade e não podemos brincar com isso.” Ao longo do calçadão de Havana, ela caminha, em seu coração bate a esperança e, como aquele que se entregou na cruz, “falo assumindo minha responsabilidade até as últimas consequências”. ●